

Discurso de posse na Academia de Letras do Noroeste de Minas Gerais

Vanessa Aragão Alves Duarte Ruas

Há momentos tão marcantes em nossas vidas que a palavra se curva diante da emoção. Este é um deles.

A humildade, fruto da constatação de que ainda pouco fiz na companhia das letras, me conduz por estas portas. Mas vem o desafio segura minha mão, abrandando-me o tremor das pernas e me faz dizer sim. Sim, assumo a cadeira de número 31 da Academia de Letras do Noroeste de Minas. Se ainda não fiz por merecer, afinal, há tão pouco tempo nasci para o universo literário e já me vem a imortalidade, muito ainda posso fazer.

A Academia Brasileira de Letras, que vale mencionar elegeu nesta semana Ana Maria Gonçalves, a primeira mulher negra para seus quadros, já em sua fundação, em 1897, inspirada na Academia Francesa adotou o lema: *Ad immortalitatem*, que significa "*rumo à imortalidade*". Este é o motivo de os membros dessas e de instituições congêneres receberem a alcunha de imortais.

Desde minha eleição para esta Casa, no último dia 10 de maio, tenho ouvido comentários acerca de ser imortal. Felizmente, Helen Ulhoa me advertiu que tal condição só é alcançada após a cerimônia de posse. Digo felizmente porque eu já estava atravessando as ruas sem nem olhar, crente no meu novo superpoder. Provavelmente, não fosse por Helen, eu nem estaria aqui hoje. Brincadeiras à parte, a temática da imortalidade me faz lembrar a história dos sumérios e mais especificamente a Epopeia de Gilgamesh, provavelmente, o mais antigo registro literário da humanidade. Foi ao lado do meu filho, estudando para uma prova de história, que reencontrei os sumérios. Encantei-me. Já os conhecia de quando estudei no Colégio Estadual Antônio Carlos, mas foi neste momento íntimo de partilha com meu filho que

percebi a grandiosidade daquela civilização. E ali, entre imagens antigas, me deparei com a Epopeia de Gilgamesh — símbolo de uma busca constante e profundamente humana: a imortalidade.

Gilgamesh era o rei de Uruk, cidade da Mesopotâmia, ou seja, a terra entre dois rios- o Tigre e o Eufrates, onde hoje encontram-se o Iraque e a Síria. Este rei, primeiro herói trágico da literatura mundial, cruzou desertos e mares movido pelo desejo de vencer a morte. Até que, após árduas batalhas, volta alquebrado a seu povo. Ao relatar todas as venturas e desventuras pelas quais passou, ao descrever as maravilhas e perigos de lugares nunca antes visitados, ao expor todas as emoções que experimentou e tudo que aprendeu em sua extraordinária epopeia, Gilgamesh teve seu nome e sua história inscritos em pedra. Ai nosso herói, finalmente, compreendeu que a imortalidade reside no legado que deixamos e não na perenidade do corpo que ele tão desvairadamente procurou. Quando pessoalmente vi uma imensa representação de Gilgamesh entre as muitas obras saqueadas pelos europeus e expostas no Museu do Louvre, chorei de emoção, ali, aos pés dos primórdios do que chamamos de civilização.

Se a memória é o solo fértil onde o legado germina, então que nossas histórias sejam as sementes. Cada um de nós, em nossos papéis cotidianos — como pais, mães, irmãos, cônjuges, professores, acadêmicos, amigos, vizinhos — gravamos nossas marcas. Pequenas ou grandes, elas ecoam.

Se, por exemplo, registro os causos que meu pai, Diogo Alves Duarte, nos contava, e se alguém um dia os lê e, quem sabe, com eles se diverte, então, meu Pai é imortal.

É um privilégio poder escolher qual legado queremos deixar. Embora, nem em sonhos eu tenha cogitado compor tão seleto grupo como o desta Academia, e fui generosamente escolhida para dele ser um membro, escolho aqui deixar, ainda que pequena, minha

contribuição. Aos confrades e confreiras, minha gratidão pela confiança, pela distinção e pelo desejo de convivência. Farei o possível para que essa decisão se justifique e para que dela não venham a se arrepender.

A Academia de Letras é templo da palavra. E a palavra é memória, emoção, pensamento, sonho. Desde os sumérios, escrevemos para preservar aquilo que sentimos e somos. Que honra imensa fazer parte desta corrente.

Se as letras são um traço da imortalidade, que a cadeira 31 seja o espaço onde deixarei minha palavra inscrita. Seu patrono, o da cadeira 31, é o mineiro de Itabira, Carlos Drummond de Andrade, poeta que a Terra teve o privilégio de abrigar entre os anos de 1902 e 1987. Este poeta brilhante soube transformar o ordinário em extraordinário, fez com que a beleza da simplicidade fosse manifestada em versos e nos mostrou a poesia do dia a dia. Amor, política, esperança, crítica social, tudo foi matéria para seu ofício e nada lhe escapou à pena.

Mesmo que frequentemente reverenciado como poeta, Carlos foi também cronista e tradutor, deixando um vasto legado literário que continua nos inspirar a todos. Que possamos sempre lembrar de Drummond, principalmente, como um observador atento da vida, um mestre das palavras e um eterno inspirador da literatura brasileira. Um grande imortal que, por questão de tempo, citarei apenas o primeiro verso do belíssimo poema **Amar**:

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer, amar e malamar,
amar, desamar, amar?
Sempre, e até de olhos vidrados, amar?

E por falar em amor, antes de tomar assento na cadeira 31, peço respeitosamente licença a Ruth Brochado Ferreira, visto que o verdadeiro ocupante será sempre o seu, o nosso, querido Florival Ferreira. Meu desejo é que este ritual de hoje seja menos uma substituição e mais uma celebração da memória e do espólio que Florival deixou para nossa gente.

Nascido em 1954 no norte de Minas, foi aqui, no Noroeste do estado, que Florival Ferreira fincou raiz e constituiu família – ele e Ruth têm duas filhas: Marília e Cecília e três netos. E foi aqui onde ele deixou o legado que transcende sua prematura partida, ocorrida em setembro de 2024.

Jornalista e também bancário da Caixa Econômica Federal, Florival atuou intensamente na vida cultural desta cidade tendo como veículos de sua voz e de seu pensamento o rádio, a televisão, a internet, revistas e jornais -alguns dos quais ajudou a fundar. Cronista e contista é socio-fundador desta Academia de Letras, pela qual nutriu grande paixão. Autor do instigante romance O quatorze para o qual dedicou bastante tempo de pesquisa, segundo o relato emocionado e emocionante que Ruth gentilmente me concedeu, Florival buscou obstinadamente desvendar quem foi o soldado Quatorze. Este personagem real, integrante do destacamento da Coluna Prestes que passou por Paracatu, é o único, de todo o grupo, referenciado apenas por um número sem que lhe seja atribuído nome nos registros históricos. O que a história ocultou, Florival delegou à sua imaginação revelar em seu livro sobre o revolucionário soldado Quatorze.

Minha mais forte lembrança de Florival é que ele era amigo do meu Pai. Era, portanto, meu amigo também.

E agora, passo aos inúmeros agradecimentos que o momento me inspira. Antecipo o pedido de desculpas aos muitos cujos nomes

não citarei, mas cuja importância nem por isso é diminuída. É antes, um respeito ao tempo de todos.

Quero agradecer a Dona Zenóbia Vilela que cedeu à Academia de Letras do Noroeste de Minas esta edificação e a Dona Coraci Neiva que edificou esta instituição.

Minha reverência às alunas Pérola Campos e à Maria Leôncio, grandes vencedoras do Prêmio Afonso Arinos de 2024 concedido por esta Casa. Que maravilhosa constatação a de que esta Academia não apenas preserva o passado, mas também fomenta um futuro mais amoroso com as manifestações literárias! Quem sabe estas jovens escritoras não estarão aqui um dia como membros

Igualmente, destaco a presença das adolescentes Júlia Faraes Duarte, minha sobrinha e de Laura Ulhoa, minha amiguinha. E da pequeninice Lara Dantas Duarte Ruas, minha neta que já é apaixonada pelos livros. Elas são representantes do amanhã que, desejamos todos, seja um tempo amigo das palavras, da literatura e do diálogo.

Agradeço à minha mãe, Helenice Aragão Alves Duarte — professora por vocação e por afeto — que me ensinou a amar os livros antes mesmo de aprender a decifrar as letras. Ao ler para mim as histórias de Monteiro Lobato, de As Mil e Uma Noites, do Mundo da Criança, e tantos volumes que puxava da nossa estante — que abrigava, e ainda abriga, Machado de Assis, Agripa Vasconcelos, José de Alencar, Jorge Amado, Eça de Queiroz e outros — me despertou não só o gosto pela leitura, mas o sonho de, um dia, também poder escrever.

Gratidão infinita ao meu Pai, pelo encontro nesta aventura maravilhosa que é a vida. E o agradeço, especialmente, pela inestimável herança que persigo a todo instante ser merecedora que são sua generosidade, seu bom humor, sua vivacidade, seu gosto por uma boa conversa, seus causos infinitos.

Agradeço ainda as minhas professoras Dona Sonia Botelho, Dona Maria Mundim e Dona Núbia Faria que me iniciaram nas primeiras letras. A Dona Diva Avelino, minha professora favorita da vida toda que me honra com sua presença, muito obrigada. Meu agradecimento à Dona Ana Rocha que depois do recreio no Grupo Escolar Afonso Arinos, lia para nós histórias como o Sobradinho dos Pardais. Certamente, mais uma inspiração para que eu viesse a gostar de contar histórias. E muitos agradecimentos a Maria Angela Moraes minha inesquecível professora do curso Normal também aqui presente.

Agradeço a Ernane, meu companheiro desde a adolescência, por tantas coisas boas que nos preparou ao longo de toda a vida. Muitas dos quitutes gostosos que saboreamos aqui hoje foram feitos pelas mãos dele. E muito do que as mãos dele me fizeram de bom nem posso lhes contar neste momento solene. Ernane é, sem dúvidas, merecedor de que todas as suas expectativas na vida sejam atendidas.

Aos meus filhos, Dedé e Dudu, minhas obras-primas incontestes, obrigada por escreverem as mais lindas e emocionantes linhas da história da minha existência.

Agradeço a presença marcante da minha família na formação de quem sou. Ao nosso caçulinha Marcelo, por ser inspirador em sua tenacidade. A Vânia e Mauro que poderiam e quem sabe ainda venham a ocupar uma cadeira desta Casa porque dominam a língua portuguesa e sabem muito bem dela fazer uso. Aos meus adorados sobrinhos e sobrinhas, a minha nora e ao meu genro, obrigada pela energia vital.

As minhas tias e tios, primas e primos, sogra, cunhadas e cunhados, amigas e amigos de longa data e os mais recentes, vocês são incríveis! Pensem aí numa única coisa boa que já me fizeram ou

que fizemos juntos e saibam que só por isso já valeu muito compartilhar a jornada com vocês.

Agradeço a minha madrinha desta Academia Nágela Caldas que não sei de onde tirou esta ideia tão gentil de me apresentar a este seletto grupo e dizer a eles, e convencê-los de que eu poderia ser uma boa companhia. Espero não a decepcionar.

Muito obrigada a Daniela Prado, competente presidente que tanta dinamicidade dá a esta instituição. Nas pessoas de Helen Ulhoa, Isaías Nery e Murilo Caldas que já tão bem me acolheram, agradeço a todos os confrades e confreriras por me receberem em seu meio.

Entrei por estas portas com humildade — e da humildade não me despeço. Que ela me acompanhe a cada palavra, a cada ato, a cada gesto que aqui deixar motivada pelo desafio de ser minha melhor versão.

Muito obrigada a todos.